



FEIRA CAMPONESA COMUNAL: FORTALECIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DO TERRITÓRIO PDS PORTO SEGURO, MARABÁ-PA

Ariel Medrado Barros

IFPA/arielmedrado@gmail.com

Maria José de Souza Barbosa

IFPA/mjsb.ufpa@gmail.com

Louise Ferreira Rosal

IFPA/louise.rosal@ifpa.edu.br

Área Temática 2: Cooperativismo, Economia Solidária e Gestão de Empreendimentos

Modalidade: Artigo Científico

Resumo

O artigo tem por objetivo refletir sobre a importância de uso de ferramentas da economia solidária no Projeto de Desenvolvimento Sustentável Porto Seguro, município de Marabá, a partir da Feira Comunal Camponesa. Buscou-se contribuir para o debate sobre a necessidade de fortalecimento de territórios da agricultura. Utilizou-se a observação participante e conversas livres com os integrantes da feira para compreender suas dinâmicas, a fim de destacar os avanços em relação aos modelos convencionais de escoamento da produção, à diversidade produtiva, assim como o trabalho coletivo. A feira, apesar de ser um projeto pequeno, abrange vários produtos que são comercializados frescos ou beneficiados, como a castanha-do-pará descascada, óleos de sementes e polpas de frutos regionais. O atravessador não está presente na organização da feira, gerando, dessa forma, cadeias curtas consolidadas. Nesse espaço foi possível verificar a importância da economia solidária como estratégia de organização em termos de metodologia de trabalho coletiva, pois emerge dela o pertencimento como uma característica identitária nessas iniciativas, além de próprio ganho financeiro.

Palavras-Chave: Feiras Livres, Agricultura Camponesa, Cadeias Curtas, Sudeste Paraense.

Abstract

The article aims to reflect on the importance of using solidarity economy tools in the Porto Seguro Sustainable Development Project, municipality of Marabá, based on the Peasant Communal Fair. We sought to contribute to the debate on the need to strengthen agricultural territories. Participant observation and free conversations with fair participants were used to understand its dynamics, in order to highlight advances in relation to conventional production flow models, productive diversity, as well as collective work. The fair, despite being a small project, covers several products benefited, which are commercialized, such as peeled Brazil nuts, seed oils and pulp from regional fruits. The middleman is not present in the organization of the fair, thus generating consolidated short chains. In this space, it was possible to verify the importance of the solidarity economy as an organization strategy in terms of collective work methodology, as belonging emerges from it as an identity characteristic in these initiatives, in addition to financial gain itself.

Key words: Free Markets, Peasant Agriculture, Short Chains, Sudeste Paraense.



1. Introdução

O presente artigo trata de um estudo realizado no Projeto de Desenvolvimento Sustentável (PDS) Porto Seguro, situado no município de Marabá, região Sudeste do estado do Pará, com a finalidade refletir sobre a importância da utilização de mecanismos e experiências alinhadas à noção de economia solidária, que, por sua vez, estimula o fortalecimento de territórios no que compete ao capital político-social de seus agentes.

Para um melhor aproveitamento do tema proposto, o recorte aqui definido foi o da análise do funcionamento da Feira Camponesa Comunal, organizada pelo PDS desde março de 2017, situada na sede da Comuna CEPASP (Centro de Pesquisa e Assessoria Sindical e Popular), uma vez por semana.

A priori, é fundamental ressaltar que a importância de se trabalhar os fatores econômicos em comunidades camponesas parte do pressuposto que não é possível isolar o debate de todos os demais aspectos relevantes na comunidade. Outrossim, não se pode utilizar de determinismos e/ou inferências, na tentativa de definir o campesinato como, simplesmente, um processo produtivo que se difere do agronegócio. Caritá (2015) conceitua o campesinato como um modelo norteador por uma vivência orgânica com a natureza envolve uma *práxis* orientada para a resistência e a manutenção de um estilo de vida transmitido de geração em geração.

Dessa maneira, tal qual a definição de Sabuorin e Teixeira (2002) no artigo Desenvolvimento Rural e Abordagem Territorial: Conceitos, Estratégias e Atores, entende-se que o debate sobre "construção de territórios" se dá a partir do intercâmbio de experiências em coletividade produtiva, ou seja, a aquisição e apropriação de saberes, de informações comuns, por meio da efetuação empírica dessas colaborações.

Nesse sentido, dimensiona-se que toda e qualquer manifestação cultural ocorre pela insistência subsistente da própria consciência humana, pelo firme interesse na manutenção de sua existência, aliado ao instinto coletivo, em meio às necessidades que as condições materiais lhes impõem, uma série de estratégias podem vir a ser ornamentadas e perpetuadas no acervo dos membros de um grupo, em sua solidariedade orgânica (SABOURIN; TEIXEIRA, 2002).

Evidencia-se, pois, essa mesma necessidade em espaços de contradições e conflitos oriundos de políticas produtivas que se estabelecem/estabeleceram, nocivamente, pavimentando desigualdades sociais e devastação dos recursos naturais.



Esse é, por exemplo, o retrato da região Sudeste do estado Pará, onde o PDS Porto Seguro vem se construindo, mesmo em meio a uma série de processos de disputa políticas-territoriais, como é mostrado por Airton Pereira em seu livro *Do posseiro ao sem Terra* (2013), em que o autor apresenta um histórico de conflitos agrários e ocupações de terra realizadas na região de Carajás.

Nesse sentido, coloco a importância de compreender a construção desses territórios ocupados por sujeitos protagonistas da agricultura camponesa e dos movimentos sociais que compõem a Via Campesina. São pessoas que resistem em meio a conflitos históricos de disputa por terras e recursos, e continuamente vivenciam guerras culturais, propaganda ideológica, e o combate entre o grande capital e os camponeses. Essas disputas podem se apresentar no campo simbólico, por exemplo, na tentativa, aparentemente inofensiva, de rotular esses camponeses como “empreendedores rurais”, a partir da lógica atual do capitalismo especulativo, denota uma estratégia de cooptação.

A coletividade e a cooperação entre os agentes do local, são fundamentais para fortalecer os territórios, socialmente e economicamente, contrariando essa lógica do capital, vem a ideia da economia solidária, que segundo França Filho 2002, reflete assim a própria ação desses grupos locais na sua tentativa de autogeração de riqueza, ou seja, de tentativa de resolução das suas problemáticas sociais.

Portanto, cabe salientar que nesses espaços de constante disputas, cada vez mais acirradas, projetos estratégicos como a Feira Camponesa Comunal do PDS Porto Seguro apresentam a mais elementar bandeira de resistência. Nessa direção, objetivo apresentar a discussão a partir da afirmação dos camponeses enquanto identidade cultural, tendo como perspectiva consolidar a noção de sentimento de pertencimento deles, que tem, como consequência imediata, a não apropriação do capital dominante sobre as atividades, sobretudo, por se constituir como um grupo notadamente articulado a partir de uma consciência de classe latente. Portanto, é de notável importância uma maior apropriação e compreensão do funcionamento de atividades como a que se propõe apresentar nesse trabalho.

2. Metodologia



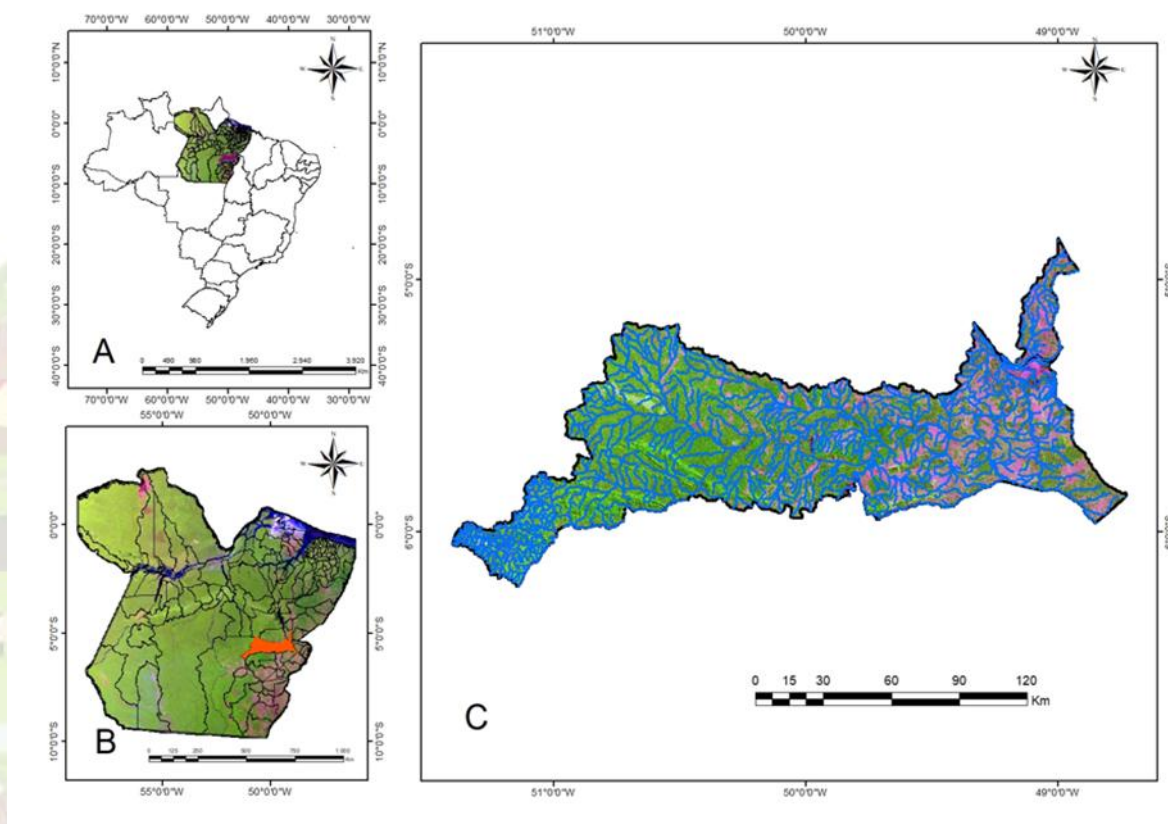
XV SICOOPES & VI FECITIS

SEMINÁRIO INTERNACIONAL
DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL
COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA

FEIRA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO SOCIAL

Segundo o site institucional da Câmara Municipal de Marabá, o município de Marabá encontra-se entre dois grandes rios, Itacaiúnas e Tocantins. Vista de cima, o núcleo da Velha Marabá tem o formato de “Y”. A cidade divide-se em cinco núcleos urbanos distintos: Marabá Pioneira ou Velha Marabá localizada as margens dos rios, Cidade Nova, onde se situa a feira em estudo, Nova Marabá onde os bairros recebem o nome de folhas numeradas, São Felix I e II, situados depois da ponte sobre o rio Tocantins e Morada Nova, a 20 km de Marabá. (CÂMARA MUNICIPAL DE MARABÁ)

O site cidade Brasil mostra que município se estende por 15.128,4 km². A densidade demográfica é de 18,5 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Itupiranga, São João do Araguaia e São Domingos do Araguaia. Situado a 84 metros de altitude, Marabá tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 5° 22' 12" Sul, Longitude: 49° 7' 1" Oeste (MUNICIPIO..., 2022). Figura 1 – Mapa de localização Marabá-PA.



Fonte: Autor (2022).



A Feira Camponesa Comunal ocorre na Rua Sororó, número 129, bairro Novo Horizonte, aos sábados desde março de 2017, é a única feira livre existente no bairro novo horizonte/cidade nova, 7 (sete) famílias são responsáveis pela comercialização da produção delas e das demais famílias organizadas pela Associação dos Moradores do PDS Porto Seguro.

Foram realizadas três visitas técnicas *in loco*, estabelecendo contato com os membros que compõem a feira, juntamente com os movimentos que fazem parte do projeto em questão, em especial, o movimento Brigadas Populares¹ que além de principal organizador foi o idealizador do projeto. Durante cada visita, o autor passou a manhã toda com os feirantes, ajudando desde a montagem da feira até a sua finalização, e durante esse tempo as informações foram sendo colhidas com os feirantes e com os representantes do movimento Brigadas Populares.

Além disso, utilizou-se autores referências no debate da economia solidária, como França Filho (2002), que a conceitua de modo claro, assim como em artigos mais recentes de Silva *et al.* (2021). Para discutir conceito de território optou-se pela análise de Airtton Pereira (2014), na medida em que se trata de um autor local, que especifica as problemáticas, conflitos e jogos de interesses que configuram o território em discussão.

3. Resultados/Discussões

A feira tem funcionamento uma vez por semana (aos sábados), na sede do movimento social Brigadas Populares, a Comuna-CEPASP, região central do município de Marabá. É constituída por cinco famílias moradoras do PDS Porto Seguro e mais duas de outras regiões do município, onde foi relatado que há um revezamento entre os membros da família a cada semana para ver quem vai realizar as vendas, mas geralmente vai ao menos duas pessoas por família, quando não é possível, convidam algum vizinho(a) para ajudar nas vendas e na organização dos produtos. A feira foi criada em 2017 a partir da necessidade de escoamento de produção do PDS Porto Seguro, bem como a necessidade de aumento do lucro dos produtores que estavam refém dos atravessadores (pessoas que compram as mercadorias nas comunidades por preços muito baixos, para revender na cidade).

¹ Movimento Social Nacional que realiza diversos debates vinculados a agroecologia e aos impactos ambientais dos grandes projetos.



XV SICOOPES & VI FECITIS

SEMINÁRIO INTERNACIONAL
DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL
COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA

VI FECITIS

FEIRA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO SOCIAL

A metodologia e dinâmica da feira foi construída pelo movimento Brigadas Populares em conjunto com a comunidade levando em consideração experiências de sucesso de outras regiões do país onde o movimento atua e adaptando diante das especificidades locais. Atualmente, a feira conta com o apoio da prefeitura municipal para o deslocamento dos agricultores camponeses de suas comunidades, para comercialização dos seus produtos.

Optou-se pelo uso da sede do movimento Brigadas Populares para realização da feira livre, por se tratar de um local central no município. Além disso, o espaço carrega todo um histórico de defesa dos movimentos sociais, sindicais e camponeses em Marabá e região desde o início da década de 1980, sendo assim, um local carregado de muita simbologia em nossa região, aliado a possibilidade eliminar o custo com aluguel, visto a cedência do espaço de maneira voluntária pelo movimento.

A feira se caracteriza por ter o que os feirantes chamam de “clientes cativos”, um público que foi se fidelizando ao longo do tempo, em especial, pela busca de alimentos saudáveis, sem agrotóxicos. Esta feira é, portanto, diferente das demais feiras convencionais, que se caracterizam como espaços de produtos diversos, para além de alimentos, para atrair maior fluxo de pessoas. Mostrando a importância de se trazer debates para além fluxo de mercadorias em si, a partir do debate ambiental da importância dos alimentos sem agrotóxico, a feira acaba servindo como um agente multiplicador na zona urbana da importância da sustentabilidade.

Nesse contexto, é importante pensar a feira enquanto um espaço social, que incorpore fatores socioeconômicos sob a perspectiva local, sem perder de vista as dinâmicas da globalização, prioritariamente, em termos da produção de alimentos saudáveis. É fundamental uma abordagem holística considerando as experiências conhecidas de outros locais, mas sem esquecer das especificidades locais.

Trata-se de considerar, ao mesmo tempo - de maneira global, ampla, específica e localizada -, as condições, os fatores e as mudanças produtivas e socioeconômicas, assim como as dinâmicas locais, regionais ou mundial, associadas a esses processos (SABOURIN; TEXEIRA, 2002, p.32).

Os feirantes, durante as visitas, ressaltaram a relevância dessa iniciativa, observando que uma das maiores dificuldades encontradas por eles na comunidade, até então, era a de



escoar a produção e ter um local onde pudessem ser, de fato, valorizados por produzirem alimentos de forma sustentável.

Um aspecto importante da feira é a coletividade estimulada entre os agentes, em que as sete famílias se ajudam na organização das barracas, no transporte e beneficiamento dos produtos, ou seja, se um produtor precisa descascar a castanha, os demais também ajudam a fim de adiantar o processo.

Chama atenção a variedade de produtos oferecidos pelos produtores participantes, uma vez que a diversificação da produção tem se intensificado no PDS, inclusive dentre outros fatores pela própria existência da feira, foi relatado que algumas produções anteriormente não eram potencializadas devido à dificuldade de escoamento, como a produção de ovos caipira por exemplo, que anteriormente em muitos lotes estava sendo produzido apenas para subsistência.

Além disso, cabe destacar que além da comercialização de produtos frescos, os feirantes também beneficiam alguns deles para agregar valor, torná-los mais atrativos e/ou conservá-los por mais tempo.

Onde está a chamada para esse quadro e o título para o quadro?

Produto	Sub-Produto
Leite	<i>In Natura</i> E Queijo
Castanha Do Pará	Castanha Descascada
Macaxeira	Macaxeira Cortada E Descascada
Copaiba	Óleo
Manga	<i>In Natura</i> / Polpas Congeladas
Banana	<i>In Natura</i> / Doce
Cupu	<i>In Natura</i> / Polpas Congeladas/ Suco Concentrado
Murici	<i>In Natura</i> / Suco Concentrado
Outras frutas em menor quantidade e dependendo da safra	<i>In Natura</i> / Polpas Congeladas
Essências Em Geral	Óleos
Frango Caipira	Frango Abatido Limpo E Cortado
Ovos Caipiras	<i>In Natura</i>
Coentro	<i>In Natura</i>
Cebolinha	<i>In Natura</i>
Alface	<i>In Natura</i>



Pimenta de cheiro	<i>In Natura</i>
Pimenta vermelha	<i>In Natura</i>
Mel De Abelha	<i>In Natura</i>
Milho	<i>In Natura/ Bolos</i>

Fonte: Autor (2022).

Foi possível verificar desde beneficiamentos mais simples como a comercialização da castanha-do-pará e da macaxeira já descascadas, agregando valor ao produto e aumentando a venda devido a praticidade oferecida ao cliente, até beneficiamentos mais elaborados, como a produção de queijo, polpas de frutas e óleo de copaíba, por exemplo, gerando assim além de valores agregados, um aumento na durabilidade dos produtos.

A organização da feira livre pode ser entendida como um início de aplicação de uma cadeia de ciclo curto, pois traz alguns elementos das cadeias de ciclo curto, como a eliminação do atravessador diminuindo a distância entre o produtor e o consumidor final, e gerando novas possibilidades de produção ou beneficiamento de produtos devido a facilidade para escoamento, essas semelhanças podem ser melhor compreendidas a partir da caracterização de cadeias de ciclo curto a seguir.

Cadeias curtas de produções apresentam a possibilidade de inserção social de um pequeno produtor dentro de um contexto de melhoramento das condições de vida, ao produzir beneficiando sua produção de maneira única, associando à sua identidade como detentor de conhecimento empírico. Essas cadeias expressam a tendência de superação da dicotomia do urbano-rural, tendo em vista as possibilidades de conexão estabelecidas entre produção e consumo, estando assim alinhadas a processos sustentáveis, evitando que alimentos percorram longas distâncias antes do consumo, gerando novas possibilidades para a realocação dos sistemas agroalimentares. (SANTOS *et al.*, 2017, p.5)

Nesse tipo de organização há, concretamente, eliminação do atravessador, problemática existente nos territórios, devido à dificuldade de escoamento da produção pelos próprios produtores, muitas vezes, estes ficam refém de comerciantes que possuem condição de comprar esses produtos nas unidades produtivas, com valores abaixo do mercado.

Silva e Borges (2020) trazem um estudo sobre feiras livres, em que demonstram o quanto a eliminação do atravessador aumenta o retorno financeiro dos produtores. Citam como resultados produtos que eram vendidos a R\$ 0,05 (cinco centavos) para o atravessador, enquanto na feira livre conseguiam ser comercializado a R\$ 1,00 (um real) no mínimo.



XV SICOOPES

SEMINÁRIO INTERNACIONAL
DE DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL
COOPERATIVISMO E ECONOMIA SOLIDÁRIA



VI FECITIS

FEIRA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃO SOCIAL

Tal situação (feiras livres) é refletida por possibilitar contato direto com o consumidor, obtendo maior retorno financeiro. Este cenário dificilmente é encontrado em circuitos longos de comercialização (redes atacadistas, supermercados) ou quando há a presença de atravessadores (SILVA; BORGES, 2020, p.96).

É salutar ressaltar que o debate aqui visa observar em que ponto elementos e iniciativas voltadas à economia solidária pode contribuir com o território, por considerar a dinâmica da localidade sob princípios organizativos coletivos e que não visem apenas o econômico, mas também os aspectos sociais, culturais e ambientais. Pois além de aumentar a renda dos produtores, incentiva a coletividade, fortalecendo o território, e ambiental pois realiza o debate sobre a produção limpa de alimentos, sem agrotóxico, característica apreciada pela clientela que muitas vezes aguardam para realizar suas compras no dia de sábado para poder adquirir produtos mais saudáveis.

Na prática, o termo economia solidária identifica hoje uma série de experiências organizacionais inscritas numa dinâmica atual em torno das chamadas novas formas de solidariedade. O fato é que se vêm verificando a emergência e desenvolvimento de um fenômeno de proliferação de iniciativas e práticas socioeconômicas diversas. (FRANÇA FILHO, 2002, p.6)

A economia solidária, em sua plenitude, visa a junção de diversos fatores, para fortalecimento dos já existentes. A coletividade torna-se um elemento central, embora, muitas vezes, não agregue o território por completo, tendo em vista que se trata de uma construção social dos sujeitos que, na verdade, buscam elevar suas condições de vidas em coletividade.

Assim sendo, podemos confirmar que a feira Camponesa Comunal é um processo que dialoga com a economia solidária em diversos aspectos e é uma iniciativa que deve ser estimulada e ampliada.

4. Considerações Finais ou Conclusão

Conclui-se que apesar da Feira Camponesa Comunal não ser a única forma de comercialização dos produtos produzidos no PDS Porto Seguro, ela se apresenta como uma ferramenta relevante para o escoamento da produção, incentivo ao trabalho coletivo e a



produção limpa sem agrotóxicos, conseguindo assim contribuir com o território em aspectos econômicos, sociais e ambientais.

Assim sendo, tal experiência ressalta a importância da economia solidária como estratégia de organização em termos de metodologia de trabalho coletivo, que deve aprimorada dia a dia afim de fortalecer o território de maneira cada vez mais efetiva.

5. Referências Bibliográficas

CÂMARA MUNICIPAL DE MARABÁ. **História do Município**. Disponível em: <https://maraba.pa.leg.br/institucional/maraba/historia>. Acesso em: 8 jul. 2022.

CARIDÁ, Ana Carolina Bordini Brabo. **Agricultura Camponesa X Agronegócio::** distintos modelos de desenvolvimento rural e seus diferentes projetos socioeducacionais. 2015. Disponível em: <https://revistaideias.ufrj.br/ojs/index.php/ideas/article/view/79>. Acesso em: 7 jul. 2022.

CARVALHO DA FRANÇA FILHO, Genaldo. Terceiro setor, economia social, economia solidária e economia popular: traçando fronteiras conceituais. 11 p. Disponível em: epositorio.ufba.br/bitstream/ri/25741/1/Terceiro%20Setor%2c%20Economia%20Social%2c%20Economia%20Solidária%20e%20Economia%20Popular%20traçando%20fronteiras%20conceituais.pdf. 2002 Acesso em: 15 mar. 2022.

MUNICIPIO de Marabá. Cidade Brasil. 2022. Disponível em: www.cidade-brasil.com.br/municipio-maraba.html title="Município de Marabá">Município de Marabá. Acesso em: 8 jul. 2022.

PEREIRA, Airton dos Reis. Do posseiro ao sem-terra: a luta pela terra no sul e sudeste do Pará, f. 193. 2014.

SABOURIN, Eric; TEIXEIRA, Olivio. Desenvolvimento Rural e Abordagem Territorial.: Conceitos, Estratégias e Atores. 2002.

SANTOS, João Victor de Lima¹⁻²; ARAÚJO, Adriana Sales¹⁻³; BARREIRA, Rooslany Queiroz¹⁻⁴; SACRAMENTO, José Maria Cardoso¹⁻⁵. Resenha Experiência com cadeias curtas em comercialização agroecológica no projeto de assentamento (PA) Curral de Pedra, Conceição do Araguaia-PA. 2017.

SILVA, R. T. de O.; MEDEIROS, C. D. de; CRUZ, D. C. da; SANTOS, A. B. M. V. dos; SANTOS, I. R. dos; CARDOSO, V. V. B. P. Agricultura familiar em duas comunidades rurais do Rio Grande do Norte. Segurança Alimentar e Nutricional, Campinas, SP, v. 28, n. 00, p. e021026, 2021. DOI: 10.20396/san.v28i00.8659805. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/san/article/view/8659805>. Acesso em: 28 mar. 2022.

VITURINO DA SILVA, D.; RODRIGUES PLACERES BORGES, J. As feiras-livres da agricultura familiar em Arapiraca, Alagoas, Brasil. Raízes: Revista de Ciências Sociais e Econômicas, v. 40, n. 1, p. 84-101, 3 dez. 2020.